

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

TEOLOGIA MORAL

O curso tem por objetivo oferecer qualificação acadêmica para o exercício do magistério universitário na área de Teologia Moral, o qual, através da reflexão crítica e da pesquisa científica, com base nas fontes de fé e nas ciências modernas, procurar-se à confrontar com os desafios éticos presentes no contexto Latino Americano.

Disciplinas principais: Investigação e Argumentação Teológica, Moral Bíblica: o profetismo em Israel e o projeto libertador do Antigo Testamento, Ética Social, História da Teologia Moral, Doutrina Social e Justiça, Moral Econômica e Política, Bioética: sexualidade, engenharia genética, ecologia, problemas emergentes; Origens da Moral: perspectivas filosófica, psicológica e científica; Moral dos Santos Padres, Moral da Comunicação e Moral Sacramentária, Novo Testamento: Moral Paulina, Consciência Moral e Conscientização, Direito Canônico e Práxis Eclesial, Metodologia e Técnica da Pesquisa Científica em Teologia Moral, Direitos Humanos e Ética Social, Tendências atuais da Teologia Moral na América Latina.

LITURGIA: (ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEOLOGIA DOGMÁTICA)

O curso tem por objetivo formar liturgistas que correspondam às exigências da Igreja no Brasil e na América Latina, através da pesquisa e da reflexão em nível científico, capacitando-os(as) para a análise da realidade litúrgica, com metodologia adequada, à luz da Sagrada Escritura e da Tradição, tendo em vista a celebração da caminhada da fé do povo. Disciplinas principais: Após um curso básico de Especialização em Liturgia de 1 semestre, o aluno completa o programa com outras disciplinas, como p.ex.: Pesquisa e Elaboração de Tese, Inculturação da Liturgia e Comunicação, Liturgia em Meio Urbano, O Espírito Santo na Liturgia, Ministérios Litúrgicos, Eucaristia na Bíblia, Os Salmos na Liturgia, O Culto Popular a Maria, Memória dos Mártires, Liturgia Bizantina, Liturgias Evangélicas.

MISSIOLOGIA: (ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM TEOLOGIA DOGMÁTICA)

A partir dos grandes desafios sociais e culturais que os projetos históricos dos povos e grupos sociais na América Latina enfrentam, o curso prepara professores(as) de teologia e agentes de pastoral especializados para às exigências da evangelização que, segundo *Santo Domingo*, há de ser "nova", "integral", e "inculturada" (cf. SD 292). Além da sistematização da história e teologia da evangelização, os cursos visam um aprofundamento particular no campo das culturas. Disciplinas principais: Teologia Sistemática e Mística da Missão. História da Evangelização na América Latina, História e Teologia da Inculturação. A Causa dos Povos Indígenas e Afro-americanos e sua Evangelização, A Questão Campesina e a Teologia da Terra. Cultura e Missão na Bíblia e nos Santos Padres. Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso, Antropologia Cultural.

MEIOS INTERSTICIAIS NAS PERIFERIAS URBANAS NO BRASIL¹

Mizaél Donizetti Pugioli

Muitos trabalhos de pesquisa já foram realizados nas últimas décadas sobre a problemática da sociologia urbana e sociologia rural. Muito embora essas pesquisas abordam esses espaços de ponto de vista diferenciados, elas se complementam na árdua tarefa da ordem de sua compreensão.

Por um lado a sociologia rural e urbana, nos países que possuem um grau avançado de desenvolvimento econômico e social, está hoje em fase de redefinição. Existe, no espaço "campo" - "cidade" uma permeabilidade de traços que se torna difícil definir as suas fronteiras.

Por outro lado, existem ainda regiões e países que são marcados por uma visão rural. São ainda privados de uma mentalidade que é própria da urbanidade. Por isso, o estudo desses aspectos, necessitam de um trato específico na compreensão quando se procura penetrar na mentalidade que lhe é peculiar.

Nossa preocupação está aqui voltada para a cidade, e ainda mais especificamente, para a periferia. No entanto a periferia urbana não

constitui na sua globalidade um bloco homogêneo. Possuem traços que variam a partir de sua própria constituição e estabilidade. Dependem de fatores externos, como por exemplo, da clientela que a constitui, de fatores geográficos específicos, da heterogeneidade étnica de sua formação como também da demanda de mão-de-obra de uma determinada região onde ela está localizada. Trata-se portanto, da constituição de espaços por vezes específicos e inconfundíveis com semelhantes de sua qualidade.

Usamos portanto, a qualificação de "meios intersticiais" esses espaços que se formam de maneira *sui generis* dentro das periferias. Esses espaços apresentam-se como sendo especiais pois são formados de uma mistura de traços entre aquilo que denominamos de mentalidade rural e mentalidade urbana.

I. CIDADES ONTEM E HOJE

Os autores da história da urbanização dividem a trajetória de vida das cidades em dois períodos: a cidade pré-industrial e a cidade pós-industrial.

1. Tema de Tese apresentada por Mizaél Donizetti Pugioli na Universidade Católica de Lovaina, Bélgica, para obtenção de título de Mestre em Sociologia.

1. A cidade pré-industrial

Tanto a história quanto a vida das cidades estão inseparavelmente ligadas à história e a vida da cultura humana. Historicamente, a cidade compreendida como sendo formada de agrupamentos sedentários provêm do período neolítico. O processo de urbanização inicia-se em tempos remotos, como por exemplo, a lendária Jericó. Exames radiocarbônicos indicaram para os achados arqueológicos de Jericó, a proximidade de 6.800 anos Ac². Nesta época, Jericó abrigava dentro de seus muros cerca de três mil pessoas e se constituiu num elemento revolucionário da cultura e um centro verdadeiramente agitador da história.

Foi a partir de intercâmbios revolucionários que nessa cidade desencadeou um modelo típico de habitação que perdura até nossos dias, ao mesmo tempo que criou a primeira transformação biogenética mediante seleção de sementes com técnicas de plantio sistemático, a criação de animais, celeiros, vestuários e móveis que, no essencial, surgiu constituindo o meio ambiente doméstico ao longo de quase dez mil anos.

Até o início do século XIX, em todos os continentes, a grande maioria das pessoas viviam em

sociedades tradicionais como camponeses ou como comunidades arcaicas. No entanto, não podemos deixar de dizê-lo, uma minoria mais ou menos importante, segundo as civilizações e as épocas já morava nas cidades. Esse tipo de cidade perdurou até a revolução industrial, portando, possui uma história de cinco a sete mil anos. Desde o nomadismo primitivo até as modernas megalópolis, toda a história da humanidade constituiu-se num processo de crescente concentração nas cidades.

As cidades pré-industriais, apesar de expressões diferentes de convivência aglomerada e compacta, apresentam-se com um denominador comum ao qual a maioria delas pode ser reduzida. O critério que prevalece é que as cidades pré-industriais se apoiam em motivos espontaneamente humanos que configuram a cidade clássica, a cidade oriental, a cidade medieval, a cidade barroca, a cidade colonial latino americana, etc.

As transformações aconteceram a partir do século XVII; até então as cidades eram bastante diferenciadas e com características bem distintas das atuais cidades modernas e industrializadas.

A cidade pré-industrial possui características diferentes da cidade moderna e industrializada. Somen-

te algumas possuem mais de cem mil habitantes; a grande maioria tem uma população aproximada entre cinco e quarenta mil habitantes.

Sua organização social é rigidamente hierarquizada em classes: no alto da pirâmide social encontra-se a classe social dominante, rica e poderosa; às vezes, há um classe média. Há uma grande massa inferior e ainda um grupo totalmente desfavorecido, às vezes em regime de escravidão. A mobilidade social é quase nula: vive-se e morre na classe onde se nasce. A estrutura econômica baseia-se na produção artesanal, no comércio e na agricultura de subsistência.

Do ponto de vista político o poder é geralmente autoritário e não democrático. As decisões são impostas geralmente pela elite dominante que mantém o controle direto ou indireto em todos os níveis de convivência social. O poder administrativo está ligado geralmente à classe social dominante que se faz assistir de um papel burocrático recrutado em bases particularista e não universais. Assim, as origens de família são levadas muito em conta, porém se pode também "comprar" alguns postos burocráticos.

Se considerarmos a sociedade agrícola um tipo social intermediário entre a sociedade arcaica e a sociedade moderna, a cidade pré-industrial, ainda hoje, pode, também ser considerada como outro

tipo de sociedade intermediária entre a sociedade tradicional e a sociedade tecnológica. Muitas características aparecem nesse contexto como sendo de suma importância para a compreensão da sociedade moderna.

2. A cidade pós-industrial

Já Herbert Spenser (1820-1903) demonstrou através de sua teoria da evolução social que as sociedades humanas eram na sua origem pequenas coletividades simples, indiferenciadas, homogêneas e que elas evoluíram tornando-se cada vez mais complexas, mais heterogêneas e que se compõem de grupos sempre mais numerosos e que se hierarquizam: o poder político se organiza e se diferencia, as funções econômicas e sociais se multiplicam, a produção de bens e serviços exige uma divisão de funções sempre mais elaboradas.

De crescimento anárquico no início, a cidade pós-industrial apresenta características próprias a partir do final do século passado e sobretudo no final do primeiro quarto deste século. Desde então na cidade aplicam-se técnicas modernas na construção da habitação, adquirem-se novos conhecimentos nas ciências naturais, inicia-se o planejamento urbano nas cidades - os planos diretivos - através dos quais a memória do passado é substituída pela projeção do

2. Sobre a cidade de Jericó, cf. Dicionário Enciclopédico da Bíblia de A. An De Boro, Editora Vozes, Petrópolis, 1985, 3ª Edição, pp. 762-766.

futuro. A cidade começa a ser pensada, projetada e executada. Basta lembrar aqui os efeitos da Semana de Arte Moderna que aconteceu em São Paulo em 1922.

É na cidade pós-industrial que surgiu a modernidade e o novo paradigma da racionalidade e, através dele, o desenvolvimento ao longo da história, das técnicas, das artes e das ciências; foi em seu clima que surgiram a política, a liberdade e a democracia.

II. PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

A urbanização no sentido amplo significa, em primeiro lugar, a concentração de uma população num dado espaço. Implica também uma concentração de técnicas, de meios de produção, de poder e de necessidades. A partir disso podemos constatar que a urbanização implica ainda a difusão de um sistema de atitudes e de condutas.

A cidade constitui uma unidade que cria uma cultura específica; não somente ao que concerne a uma cultura subjetiva, como também a criação de conteúdos supra individuais. Como relata Harvey Cox: "A urbanização constitui uma mudança maciça na maneira de os homens viverem juntos e torna-se possível, na sua forma contemporânea, apenas com os avanços

científicos e tecnológicos surgidos das ruínas das visões tradicionais do mundo. (...) A urbanização significa a estrutura da vida comum, na qual a diversidade e a desintegração da tradição são proeminentes. Significa uma impersonalidade em que as relações funcionais se multiplicam. Significa que um grau de tolerância e de anonimato substitui as sanções morais tradicionais e as convivências de longa duração"³. Disso resulta que o indivíduo ao entrar em contato com a cultura urbana ele adapta sua personalidade às exigências da coletividade.

A cidade cria a cada dia novas condições psicológicas. Há à cada instante o estabelecimento de novos fundamentos sensíveis no ritmo do cotidiano da vida, tanto ao nível da vida econômica e social como também da vida profissional. Na cidade, as relações sociais, sobretudo engendrada pela competitividade, são utilitaristas e pelo corolário do caráter superficial das relações, provocam o anonimato e a anomia. Esta é a razão pela qual se pode explicar todo tipo de agressões. A despersonalização faz com que o indivíduo perca sua capacidade de controle e respeito pelo que é ao mesmo tempo individual e coletivo.

Assim a cidade não é somente uma unidade espacial; ela é também produtora de uma cultura. Possui suas relações sociais próprias, suas normas, seus valores e de uma maneira particular, de uma organização e evolução os sistemas de coletividade.

III AS PERIFERIAS

O modelo de urbanização e de modernização desajustado, trouxe para as cidades brasileiras, uma periferia repleta de problemas. Este modelo projetado por forças estrangeiras e cooptada pela classe dominante local trouxe, sem dúvida um notável crescimento econômico. Crescimento baseado na indústria e nos serviços, que atraiu uma grande parte da população rural para as cidades, ocasionando dois agravamentos: por um lado esta população não teve nenhuma qualificação profissional, e por outro lado as cidades estavam despreparadas na sua infra-estrutura para receberem tão grande contingente de migração. Se é verdade que a explosão demográfica das periferias urbanas está relacionada com a não assistência ao homem do campo, é igualmente verdade que a atração exercida pelos centros urbanos possui um grande papel nas migrações.

As pessoas deixam o serviço da agricultura e partem para a cidade na esperança de obtenção de salá-

rios mais elevados, de educação para seus filhos, de maiores possibilidades de lazer e de maior assistência dos poderes públicos. São atraídas pela cidade, pelas imensas possibilidades por ela oferecidas. Ao sair do meio rural, elas possuem a ilusão que, ao chegar na cidade, todas as dificuldades serão relativamente menores comparando-se a dura vida do meio rural. Sabem que apesar das dificuldades, sempre terão possibilidades de serem contratadas para um serviço e também de serem assistidas pelos departamentos públicos, que embora sendo muitas vezes ineficientes, estão ali presentes, concentram-se nos meios urbanos. É conhecida a mentalidade que perpassa nesta tomada de atitude. Sabem que se caírem doente numa rua sempre terão alguém que os ajude, mesmo que a título de compaixão.

Outro fator hoje longamente analisado é o descaso político e econômico para com o homem do campo. Pequenos proprietários e arrendatários de terra se vêem coagidos a venderem suas terras por preços irrisórios quando não são obrigados a entregarem suas terras aos bancos em troca de uma dívida contraída com os empréstimos e financiamentos agrários. Ainda mais, as políticas agrárias sempre privilegiaram os latifundiários que por sua vez possuem proprietários ora da classe política, ora

3. COX, HARVEY, *A Cidade do Homem*, Paz e Terra, 2ª Edição 1971, Rio de Janeiro, pp. 11, 15.

das próprias elites dominantes que sabem muito bem dos artifícios legislativos.

4. Os meios intersticiais

A situação da população brasileira mudou de posição quanto ao rural x urbano nas últimas quatro décadas. Se nos anos 60 a população rural era de 70 %, e as cidades com 30%, hoje a situação é contrária. Houve um grande êxodo rural e que ainda não chegou ao seu final.

Instalando-se nas periferias das grandes cidades há, sem dúvida, uma fase de adaptação ao novo meio que se realiza com muitos problemas e dificuldades. Desta forma, neste vai-e-vem cotidiano de sobrevivência, acabam criando novas maneiras e atitudes que, de um lado, deixam muitos traços da vida rural e que, por outro lado, não atingem de vez uma mentalidade urbana. Estas características especiais de sobrevivência ao nível econômico, social e político denominamos de meios intersticiais. Há várias maneiras de defini-lo: em primeiro lugar não se trata de um espaço simplesmente geográfico, muito embora considerando uma região geográfica onde existem relações sociais, econômicas, culturais e físicas específicas.

Assim o meio intersticial é um espaço antes de tudo social que físico entre uma situação urbanizada e uma situação em processo de urbanização. De modo geral este espaço é caracterizado por:

1- Homogeneidade de sua população: a grande maioria dos habitantes do meio intersticial são famílias provenientes do meio rural. Se é verdade que se pode constatar uma diferença de traços da roça é igualmente verdade que o contexto na sua globalidade possui uma grande semelhança.

J. Remy⁴ diz que a cidade representa o lugar da ruptura em relação ao passado das pessoas e elas são atraídas pela cidade, essencialmente pela imagem da ostentação que ela representa e pelas facilidades de consumo que ela parece oferecer quase que automaticamente;

2. as tendências variadas e mutantes da mobilidade social e geográfica;

3. as estruturas comunitárias instáveis tanto ao nível étnico como sócio-econômico.

Tomamos aqui duas visões do conceito de espaço. Em primeiro lugar uma concepção mais ampla, o conceito de espaço identifica-se com o conceito de sistema, como sendo um conjunto de elementos materiais ou imateriais que dependem reciprocamente uns dos ou-

tros de maneira a constituir uma totalidade organizada. Estão presentes elementos, os mais variados, de ordem física, demográfica, econômica, política e que formam um todo complexo nos quais as partes são interligadas, interpenetram-se, exercem interações, enfim, que são interdependentes.

Compreendido assim, o espaço enquanto parte de uma atividade construtiva não é uma simples especialização de fenômenos sociais determinados por alguém. Longe de reduzir-se a uma posição sobre determinado espaço físico, o espaço é um dos determinantes de uma estrutura e de uma dinâmica social.

A análise que tomamos aqui não se situa nem numa unidade de intercessão nem numa unidade de exclusão. Ela situa-se antes de tudo, numa unidade de interstício, isto é, dentro de um quadro intermediário entre ambos.

Assim o meio intersticial define-se como tendo uma identidade própria, como lugar de comunicação.

Em segundo lugar podemos falar da existência de um interstício caracterizado por traços mais ou menos claros e perceptíveis. Analogicamente o interstício, assim compreendido, é como o aceiro, isto é, o desbaste de um terreno em volta de uma propriedade para que, pela descontinuidade assim estabelecida na vegetação, possa evitar a propagação do incêndio. O aceiro não é a floresta e nem a outra parte; é

sim, uma descontinuidade entre uma e outra. Podemos dizer assim que o aceiro é o meio intersticial.

Finalmente, o meio intersticial é das periferias é o espaço que estabelece uma fronteira no sentido social e a formação de um meio que permite aos indivíduos fazerem a transmissão entre esses dois universos:

- o universo caracterizado pela mentalidade rural, onde os indivíduos conservam os traços materiais e imateriais de sua cultura e os laços familiares de onde são provenientes;

- e o universo urbano, dentro do qual os indivíduos experimentam fazer uma mobilização social.

Desta maneira, o meio intersticial é um meio existente nas periferias urbanas onde há uma renovação constante do projeto de futuro.

1. Os interstícios econômicos

O início de atividade no mercado de trabalho urbano de um indivíduo proveniente do meio rural toma significações diversas. Correlativamente à idéia de que a cidade é um lugar de trabalho, há também a idéia de que ela traz a riqueza. A cidade é produtora de dinheiro. É o lugar onde ele mais circula. É tido como um valor que resume todos os outros. Na busca desses valores, Alain Touraine classifica o comportamento desses trabalhadores da seguinte maneira:

4. Remy, J. e Voyé, L., *La Ville et l'urbanisation*, Cabray éditeur, 1982, p. 142.

a. Essas pessoas acostumam-se passivamente - adaptam-se ao trabalho industrial com facilidade, porém sem identificarem-se profundamente à condição de operários;

b. em sua identidade de trabalhador, geralmente assumem as normas e ações ditadas pela empresa, poucas vezes colocam-se ao lados de grupos reivindicatórios;

c. possuem um desejo de mobilidade no futuro;

d. e finalmente, a grande parte deles comportam-se menos como trabalhador do que como migrantes à procura de uma ascensão econômica, isso porque o trabalho operário é mais pesado do que o trabalho no campo devido aos horários, ao ritmo das atividades, da mecanização e de tutela dos patrões.

O trabalho constitui apenas como sendo uma ponte de passagem de uma situação de operário à uma situação de trabalho independente. Há assim, a criação de uma série de artifícios no árduo meio de sobrevivência. Tanto no trabalho individual ou familiar, as pessoas procuram infiltrarem-se nos interstícios que são deixados pela economia formal, para adquirir um capital que satisfaça às exigências da vida cotidiana.

2. Os interstícios sociais

Devido às precariedades de existência, tais como a falta de moradia e a desintegração familiar, criam novos tipos de relações sociais e, nova mentalidade perpassa nas atitudes de pais e filhos. Aos pais resulta a dificuldade de adaptação às novas "modas" dos filhos. A evolução cultural e social se produz em ritmo acelerado. O modelo tradicional de família é desmantelado e aparecem novos modelos influenciados pelos meios de comunicação social, pela publicidade, e pelas formas de cultura e de moral próprias a esse meio. Assim novas relações sociais e laços de solidariedade estabelecem-se. Por isso as organizações sociais encontradas nesses meios são de complexo entendimento.

3. Os interstícios culturais

Assim como toda sociedade produz seu espaço, assim também toda sociedade produz sua cultura, ou seja, o conjunto de obras que na medida que os laços sociais são reforçados, essas atitudes se tornam uma prática específica e doadora de sentido e valor à vida.

A partir disso podemos concluir, como muito bem notou Charles Ricq⁵, que o meio intersticial vai

além de fronteiras físicas, criando um comportamento e mentalidade diferenciada à aquela experimentada anteriormente. Novos utensílios e novos elementos imateriais vem se somar a esperança na superação do meio hostil. Novos traços são criados, e são finalmente, apropriados aos hábitos de vida cotidiana.

Conclusão

O meio intersticial pode ser visto como um meio intermediário e meio de transição de uma situação onde acontece o primeiro impacto de adaptação de indivíduos que chegam do meio rural para a cida-

de. As pessoas, em suas representações individuais e coletivas concebem esse meio não como sendo um meio estável e permanente, mas um meio onde eles alimentam a esperança em sair e fazer a transição de uma situação de miséria à uma situação de bem-estar e inseridos na mentalidade urbana.

Mizael Donizetti Pugioli é Mestre em Sociologia pela Universidade Católica de Lovain - Bélgica.

EM SÃO PAULO NÃO DEIXE DE VISITAR A LIVRARIA LOYOLA

LIVRARIA, PAPELARIA E ARTIGOS RELIGIOSOS
LIVROS UNIVERSITÁRIOS, ESCOLARES E RELIGIOSOS

Loja 1
Rua Senador Feijó, 120
01006-000 Centro
São Paulo - SP
Tel./Fax: (011) 232-0449

Loja 2
Rua Barão de Itapetininga, 246
01042-001 Centro
São Paulo - SP
Tel./Fax: (011) 256-8073

5. Ricq, Charles, La dialectique transfrontière, in Théorie de l'espace humain - transformations globales et structures locales, CRAAL, FNSRS, UNESCO, 1986, p. 56